

“ UÉ, EM ALGUM LUGAR AS FAXINEIRAS E OS PORTEIROS TÊM DE MORAR ”**Alex Franco**

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Era uma conversa corriqueira em família, a irmã, alguns primos e tios que tinham ido visitar a mãe de Daniel jogavam conversa fora, como era costume nas tardes de domingo. Histórias pitorescas da família, fatos interessantes vividos pela matriarca, suas irmãs, primos e demais parentes, descrições de como a cidade e, em especial o bairro, haviam mudado durante os oitenta anos de vida daquela verdadeira testemunha ocular do cotidiano paulistano que, entre outras narrativas, permeava aquele papo animado. Moradora desde sempre do bairro do Ipiranga em São Paulo, dona Laurinda adorava aquelas visitas pois, além do convívio com familiares, ela também curtia muito os intermináveis e merecidos elogios às iguarias que ela invariavelmente servia junto com o tradicional café, sempre forte e encorpado. Bolos, bolinhos, roscas, pães, bolinhos de chuva, rocamboles, doces e salgados, se revezavam domingo a domingo, sempre fazendo muito sucesso nas rodas familiares, deleitando o ego de dona Laurinda. Em dado momento a conversa saiu do município paulistano e atravessou a fronteira rumo à vizinha São Caetano do Sul, o “C” do famoso ABC, berço do PT e da CUT. Enquanto os primos falavam sobre o desenvolvimento urbano da cidade em pauta, Daniel viajou no tempo até sua adolescência nos anos 1970, lembrando-se da força dos sindicatos da época e das greves que balançaram a ditadura militar, experimentou um sentimento difuso entre a melancolia de uma época difícil e a alegria de ter vivido aqueles tempos históricos. Daniel dividia o espaço de sua cabeça entre estar presente na conversa daquele momento e, ao mesmo tempo, reviver na memória a intensa repressão sofrida pelos metalúrgicos do ABC. Repressão que incluiu tiro, porrada e bomba, repressão que levou à prisão trabalhadores que estavam apenas defendendo seus direitos, mas que ao fim trouxe algum ganho histórico para nosso país. Enquanto isso, na famosa cozinha de dona Laurinda entre doses generosas de café, a conversa convergia para o *desenvolvimento urbano* de São Caetano, as pessoas citavam eufóricas uma série de empreendimentos imobiliários que haviam sido erguidos junto à divisa entre São Paulo e a cidade vizinha. Condomínios maravilhosos, diziam. Prédios de alto padrão com varandas *gourmet* e infraestrutura de verdadeiros clubes, piscinas com raias olímpicas, academias, salões de festa etc. A cada fala, dita com entusiasmo pelos parentes, Daniel, uma espécie de ovelha negra da família, se revoltava e acumulava um sentimento de indignação. Será que ele era o único ali que sabia que os tais empreendimentos, estavam sendo construídos em terrenos que outrora foram ocupados por fábricas que, bem ou mal, empregavam milhares de pessoas? Será que ninguém ali tinha consciência de como funciona a especulação imobiliária que se serve da infraestrutura bancada pelo Estado para depois lucrar de forma exorbitante?

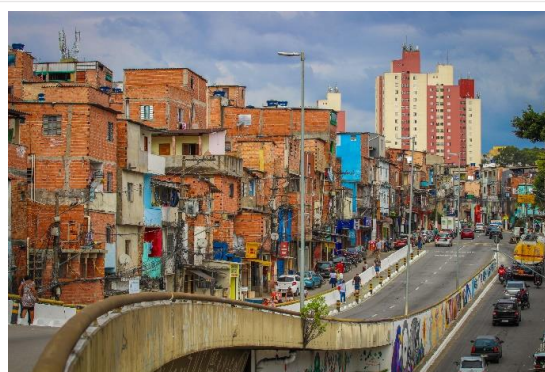
Daniel considerou a hipótese de introduzir este contraponto na conversa, mas logo se recordou das outras vezes que, em ambiente semelhante, tentou argumentar contra o pensamento único e desistiu. A memória de seu falecido pai, metalúrgico do ABC mereceria a intervenção, mas até mesmo ele concordaria que seria melhor não polemizar diante da família, e continuar se fingindo de morto, e seguir apenas saboreando os quitutes à mesa. Foi quando sua irmã, pronunciou a frase que mudaria sua opção. Após alguém ter considerado a hipótese de se mudar para um desses condomínios, ela interveio: o problema é que para chegar lá é preciso passar no meio da favela (foto). Para quem não conhece a região, em uma das saídas de São Paulo rumo a São Caetano, situa-se Heliópolis, a maior favela da Cidade. Assim para se chegar ao município vizinho é preciso, sim, percorrer uma avenida que literalmente atravessa a comunidade.

Diante da frase proferida por sua irmã, Daniel não se conteve. Finalmente,

soltou em uma única frase a indignação que ruminara naquela tarde

– Ué, em algum lugar as faxineiras e os porteiros têm de morar.

Dizendo isso, deixou a cozinha onde os parentes permaneceram com cara de bunda e foi até o jardim em busca de ar puro.



Av. Almirante Delamare (entre o Ipiranga/Sampa e a cidade de São Caetano).

“Pois é, amiga Isabella, concordo com Daniel, para chegar na hora, o porteiro e a faxineira têm que morar relativamente próximo aos patrões. Em que condições? Ninguém se importa.

■ ■ ■

Nota: Daniel é um velho amigo da Isa que mora em Sampa. Assim que leu a crônica de estreia da companheira na Opinião, me ligou pedindo que, se possível, contasse essa história neste espaço.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.